

UMA COISA E OUTRA

Rubem Braga

SÓ fui a Montes Claros uma vez, e isso já tem mais de 20 anos; a cidade deve ter mudado muito, e com certeza nem existe mais aquele rústico e simpático Mercado onde comi um inesquecível requeijão sertanejo com rapadura; e agora, como se chamará, por exemplo, a rua dos Marimbondos? Ali passeava, todo lampeiro e já meio encachaçado — contou-me o poeta Monzêca — um vaqueiro que chegara àquele dia com uma boiada. Lavara-se, mudara de roupa, botara extrato e brilhantina no cabelo e lá ia pela rua, em cujas janelas se penduravam as mulheres, digamos assim, frívolas; e só de faceiro ia repetindo alto a mesma frase: «essas mulheres da rua dos Marimbondos são todas muito bonitas!» Dizia, e ria com dentes de ouro, até que a certa altura, tendo terminado a frase, deu de cara com duas velhas de caras pintadas, horri-veis, que se exibiam numa porta. «Isto é, nem todas!» — corrigiu ele, num brado.

Inútil você falar tanto da Bahia. Não a desamo, nem lhe nego beleza e sabor. Mas é uma cidade muito gorda — e não gosto de gordas —. Em sua história há padres demais rezando e negros demais trabalhando. Isso tudo, esse mundo em latim e em nagô, me parece, afinal, meio triste. O que há de pior em mim é uma queda, que tenho, para o triste. Preciso, por isso, de mulheres e cidades alegres, «ainda que erradas», como dizia o padre Nóbrega. Ou mesmo «ainda que honradas» — como diria, de preferência, o Newton Freitas.

O símio mais freqüente nas matas do Rio Doce é o macaco da noite, grande comedor de cacau, que causaria um grande prejuízo à lavoura se esses caboclos baianos e sergipanos (e muitos capixabas também) não tivessem como prato predileto um ensopado de macaco — isso não deixa de ser uma preparação para a antropofagia, ou quem sabe, uma saúdade.

Apelido que puseram em um ilustre figurão de regime: «Pão Pulmann». E explicam: «é quadrado, tem casca grossa e miolo mole».

30.12.65